



OS ETERNOS OPOSTOS E O NARRAR E ENSAIAR NA HIPERMODERNIDADE

Geam Karlo-Gomes*

Resumo: As características que compõem a fisionomia dos novos tempos não se esquivam da perene presença dos eternos opostos: o Bem e o Mal. Este texto se propõe apresentar sua manifestação nos quatro polos axiomáticos da hipermodernidade e nas chamadas comunidades emocionais: o tribalismo. Como a literatura é indissociável da vida humana, este texto também busca perceber como esses opostos estão configurados no romance “Diário de um ano ruim”, de J.M. Coetzee. Uma trama onde o ensaio e a narrativa acentuam, respectivamente, a função integrativa entre o criticar e vivenciar, explicar e sentir; além disso, evidenciam a ligação orgânica entre o Bem e o Mal, e sua essência antitética simbólica: o Senhor C e Alan.

Palavras-chave: O Bem e o Mal Hipermodernidade. Literatura contemporânea.

Abstract: The characteristics that compose of the new time's physiognomy does not escape the perennial presence of the eternal opposites: Good and Evil. This text intends to present its manifestation of the four axiomatic poles of hypermodernity and in the so-called emotional communities: the tribalism. As the literature is inseparable from the human life, this text also pursues to understand how these opposites words are configured in the novel “Diário de um ano ruim”, by J.M. Coetzee. A plot where essay and narrative accentuate, respectively, the integrative function between criticizing and experiencing, explaining and feeling; As well as it evidences the organic link between the Good and the Evil; and their symbolic antithetic essence: Lord C and Alan.

Keywords: Good and Evil. Hypermodernity. Contemporary literature.

*Universidade Estadual da Paraíba, UEPB,
Campina Grande, PB, Brasil.

Doutor e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em
Literatura e Interculturalidade (UEPB).

Professor na Universidade de Pernambuco (UPE).
Líder do ITESI – Grupo de Pesquisa Itinerários
Interdisciplinares em Estudos Sobre o Imaginário
(UPE).

E-mail: geamk.upe@gmail.com



REVISTA
MEMORARE



www.portaldeperiodicos.unisul.br

ISSN 2358-0593

Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas estas coisas.

(Isaías 45:7)

1. Introdução

A hipermodernidade é um termo atribuído à dinâmica cultural, que se iniciou nas duas últimas décadas. Numa evolução histórica, a cultura e todo social podem ser distinguidos em três grandes fases: o estágio religioso, também considerado tradicional, cujo modelo puro é inerente às sociedades primitivas; a moderna, caracterizada pela revolução cultural coincidente com os valores de igualdade, liberdade e o advento da democracia; e a hipermodernidade, com a globalização, a supervalorização e exacerbação dos valores criados na modernidade (LIPOVETSKY e SERROY 2011).

Nessa última fase, guiado por valores arquetípicos de intensa jubilação, o homem se vê numa sociedade “desorientada” pela força do hiperconsumo, do hipercapitalismo, da hipertecnologia e do hiperindividualismo, que transformou o sentido, a sociedade, as formas de vida e a dimensão econômica da sociedade contemporânea. Esses termos traduzem, respectivamente, o olhar sobre a intensa circulação dos bens de consumo e o apego aos valores hedonistas, a “hipertrofia” do mercado e da oferta pela globalização financeira, o progresso tecnológico com as novas esferas midiáticas e a exacerbação da individualidade do sujeito. Na visão de Lipovetsky e Serroy (2011), esses polos são fenômenos inquestionáveis, que estão presentes nas formas de organização planetária e vêm ganhando cada vez mais proporções gigantescas. Um apocalipse de valores da burguesia que acredita no que Maffesoli (2002) classifica como “trindade laica”: o Progresso, a Razão e o Trabalho; onde o ideal democrático e as temáticas de emancipação – característicos da tradição judaico-cristã – não se separam do lado escuro da humanidade:

A morte, o diabo, o mal, o animal são, desde logo, parte integrante de um conjunto de que não se pode, arbitrariamente, intelectualmente, retirar um pedaço. É este holístico fundamental, arcaico, tradicional, que ressurge nos dias de hoje (MAFFESOLI, 2002, p. 45).

Em sintonia com Michel Maffesoli (2002), a compreensão dos fenômenos sociais no mundo contemporâneo e desse caráter indivisível implica não mais criticar ou



explicar, mas o ato de admitir e compreender, “apresentar o que é” (p. 17). Reconhecer as mutações da vida hipermoderna requer aceitar a integração contínua do bem, reflexo do messianismo judaico-cristão; e “a parte do diabo”, que caracteriza o trágico, o Destrutivo, o Caos. Trata-se do que caracterizo como os “eternos opostos”, que constituem a vida hipermoderna ou pós-moderna. Nas palavras do sociólogo francês, é “a ligação orgânica entre o bem e o mal, trágico e a jubilação”. Um paradoxo impactante, que sugere aceitar as diversas modulações do mal para traçar caminhos da felicidade (MAFFESOLI, 2002, p. 18).

Nesse sentido, este artigo propõe-se perceber a manifestação dos eternos opostos nos quatro polos axiomáticos da hipermodernidade e nas chamadas comunidades emocionais: o tribalismo. Como a literatura é parte integrante e indissociável cultura, o propósito também é compreender como eles apresentam-se o romance “*Diário de um ano ruim*”, J. M. Coetzee (2008). O escritor pensa enquanto a obra produz o sentido. Para Todorov, o escritor vive o mundo que representa por meio de personagens, de cenas e de imagens. Cabe, então, ao crítico “converter esse sentido e esse pensamento na linguagem comum do tempo – e pouco nos importa saber quais os meios utilizados para atingir seu objetivo” (TODOROV, 2009, p. 91). A literatura não é um dogma ou uma ciência com métodos “calcificados”; do contrário, ela é a mais profunda revelação da vida. E mais: ela é a energia que contagia e aponta significados.

A inserção da análise do romance “*Diário de um ano ruim*” não parte só do seu contexto sociocultural, nem da mais excepcional forma com que o Nobel de literatura J.M. Coetzee aventura-se na busca de surpreender o leitor num romance *sui generis*, mas também da forma com que esse autor incide na trama o conflito do escritor literário contemporâneo e o próprio papel da literatura na construção da imagem do mundo e do homem por meio das narrativas. Sua forma híbrida de configurar a trama instaura um clima consoante entre o ensaiar e o narrar. Essa característica, *a priori*, parece traduzir, respectivamente, a função integrativa entre o criticar e vivenciar, explicar e sentir. A compreensão do homem no mundo contemporâneo se sucede não só a partir da perceptibilidade do narrar e do sensível, mas também do ensaiar, do reflexivo e da razão. Além disso, a leitura dessa trama possibilita compreender a ligação orgânica entre o Bem e o Mal, em suas múltiplas modulações pelos polos axiomáticos da hipermodernidade.



Este texto está subdividido em quatro partes. A primeira define os polos axiomáticos como intrinsecamente relacionados, gerando interferências mútuas do eterno indivisível, caracterizando a cultura-mundo no seio da sociedade desorientada: o hipercapitalismo, o hiperconsumo, a hipertecnologia e o hiperindividualismo (LIPOVETSKY e SERROY, 2011). Tais fatores afetam todos os setores que compõem a vida humana, inclusive a arte, a literatura. Na segunda, questiona-se o quarto polo “axiomático” da hipermodernidade (o hiperindividualismo) em confronto com o “paradigma estético” estabelecido por M. Maffesoli (1987), um esboço teórico-reflexivo da dinâmica das diversas manifestações dos opostos no mundo contemporâneo.

A abordagem analítico-interpretativa do romance de Coetzee (2008) é desenvolvida ao longo da terceira e quarta partes. Na terceira, tem-se uma descrição geral do gênero romanesco inaugurado por Coetzee, inclusive, a função integrativa dos discursos estéticos: ensaio e narrativa. Na quarta, os polos axiomáticos da hipermodernidade (LIPOVETSKY e SERROY, 2011) são identificados na trama em sua estreita relação com os eternos opostos, principalmente, na sua genuína representação literária e simbólica antitética: Alan e Senhor C.

2. A hipermodernidade e o eterno indivisível

O prefixo “hiper” é um termo lipovestskyano e serroyano de se referir aos polos axiomáticos do mundo contemporâneo. Uma forma de apresentar a exacerbação máxima das idiosincrasias que perduram na chamada cultura-mundo. Em outras palavras, uma cultura de sistema econômico global cujo indivíduo se vê “diante do si mesmo”, sem redes de proteção.

Embora o progresso, os avanços tecnológicos e da ciência proporcionem grande “salvação” para a humanidade, mediante a descoberta da cura para diversas doenças e esperança num mundo melhor, o mal não cessa de semear a crise. Em relação com o ensaio de subversão pós-moderna maffesolitiano é:

A face obscura da nossa natureza. Precisamente aquilo que a cultura pode domesticar em parte, mas que continua a animar os nossos desejos, os nossos receios, os nossos sentimentos, em suma, todos os afetos (MAFFESOLI, 2002, p.21).



Nesse sentido, “o retorno em força do mal” se apresenta em diversas modulações nos diversos polos da hipermodernidade. A expressão “há males que vêm para o bem” também reclama “de boas intenções o inferno está cheio”.

No hipercapitalismo ou na era do *homo oeconomicus*, termo que Lipovetsky toma emprestado de Foucault¹, percebe-se a Sombra que se constitui no homem que detém concentração excessiva em seus interesses particulares e na presença do triunfo do sistema econômico capitalista. Diferente do que muitos previam, a utopia messiânica do comunismo não operou a eliminação do Mal no mundo; e, nesse ponto, não se vê a necessidade de anunciar uma era Pós-Moderna, como defende o filósofo francês J. F. Lyotard. Para Lipovetsky e Serroy (2011), essa Era traz o caos crescente, por diversos fatores. Entre eles, a instabilidade econômica, que tem no seu grau mais elevado nas bolsas de valores, na desigualdade social cada vez mais crescente e na insegurança dos indivíduos para vencer num mundo capitalista massacrante. Tal postura cria uma cultura de competição, gerando uma legião de vencedores e outra dos fracassados. A estes últimos, resta-lhes a frustração e a depressão. É o novo mal-estar que Lipovetsky compreende a partir da obra de Freud².

Na literatura, por exemplo, muitos escritores são consagrados não por mérito próprio, mas pela negociação, por meio de agentes que são responsáveis por intermediar os seus direitos de se tornar um *best-seller* e um colecionador de prêmios.

A dinâmica entre o capitalismo e a cultura do consumo pode ser compreendida numa relação de causa e consequência simultânea. A influência entre capital e consumo é indiscutível pela maneira como as esferas mantêm interferências mútuas. O ideário do homem solidário e justo conflita com o que Lipovetsky e Serroy classificam de “sujeito zapeador e descoordenado, o *homo consumericus*³ ou a cultura de hiperconsumo. O comprador de novo estilo deixou de ser compartimentado e previsível: tornou-se errático, nômade, volátil, imprevisível, fragmentado e desregulado” (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 57).

¹ Cf.: FOUCAULT, Michel. Nascimento da Biopolítica. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

² Cf.: FREUD, Sigmund. *Obras completas de Sigmund Freud*. Traduzido do alemão e do inglês sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

³ Termo utilizado tanto por Lipovetsky em *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo* (2007) e por Gad Saad em *The Evolutionary Bases of Consumption* (2007) para descrever uma pessoa consumista.



A esse fator deve ser associada à força da mídia, que anuncia incessantemente o acesso a um estado arquetípico de felicidade por meio de momentos-*flash* de compra democrática; não fossem, é claro, as discrepâncias socioculturais da população. Em outra obra, Lipovestky discute a felicidade paradoxal da sociedade do hiperconsumo, entendendo esse termo como uma hipertrofia do termo “sociedade de consumo” surgido em 1920, compreendendo-se como Era Moderna. Por outro lado, na Era Hipermoderna, tem-se a redução do tempo das mercadorias decorrente das invenções da tecnologia desmedida e o “consumidor rei”, que seleciona e determina os bens de consumo condizentes ao *ethos* do “neoconsumidor”. Trata-se de um “indivíduo-órbita zapeando as coisas na esperança muitas vezes frustrada de zapear a sua própria vida” (LIPOVETSKY, 2007, p. 70).

Na arte, esse fator reflete de forma exacerbada. Nela, os valores não condizem com as vanguardas da modernidade, cuja essência estava em desapontar as regras preestabelecidas e cujo artista celebrado era aquele que melhor se adequava a essa ideologia. Tampouco podemos afirmar que a arte literária condiz com a época romântica da primazia da subjetividade e ostensiva ao dinheiro. Segundo Lipovetsky e Serroy:

Os artistas contemporâneos aspiram [...] um objetivo claramente definido: ganhar dinheiro e ser célebres. O momento não é de glória imortal; é o da busca de uma celebridade midiática que assegure ser comprado e apanhado nas redes de promoção internacional. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 88).

Sob essa ótica, a mídia é um fator decisivo em diversas esferas da vida hipermoderna. Ela também provoca a indecisão e a busca desmedida do homem hipermoderno, que é reflexo de outro fator substancial do mundo contemporâneo: a cultura hipertecnológica. A facilidade de acesso aos bens de consumo, ao lazer, à comunicação, ao relacionamento, entre tantos outros, são fatores que condicionam a grande esfera do tecnomundo.

Nesse cenário de praticidade, conforto e acesso rápido à informação e à comunicação, persiste a face perversa que o prometeísmo moderno não consegue dissipar: a figura complexa de Dionísio. Embora o *homo oeconomicus* busque “exorcizar” a imperfeição, ela continua autossuficiente na sociedade. Trata-se da incontrolável presença da selvageria latente, da animalidade serena, do hedonismo



ambiente, da pessoa plural, antagonica, contraditória. Nessa integralidade dionisiaca, o mal está latente (MAFFESOLI, 2002, p.13).

Para situar melhor esse aspecto na práxis, pode-se afirmar que o *homo ecranis*⁴ está situado no mundo dos e - (s): e-mail, e-game, e-book, e-comércio, e-relacionamento, e-emprego, e-telemedicina, e-ponto-com, entre tantos outros. Não que essa prática esteja efetivamente situada nos diversos domínios públicos de toda cultura-mundo, mas todas já vêm apresentando manifestações em pequena, média e larga escala. Todas as esferas do mundo contemporâneo são permeadas pelo mundo das telas e o “e-“, de eletrônico, desde a economia, o lazer, a culinária, a sociedade, a vida cotidiana, enfim, a cultura em geral.

Em decorrência da força do hipercapitalismo, a tecnologia proveniente da hipermodernidade criou a indústria cultural, também chamada de cultura de massa. Lipovetsky utiliza-se do discurso de Adorno e de Horkheimer para reafirmar que as adaptações para o cinema, ou mesmo os textos para divertir, para o prazer, acessível a toda a massa, são categorias que não apresentam autenticidade e são padronizadas e insignificantes. Ou seja, cultura de massa que não chega a ser considerada uma verdadeira cultura, mas uma produção em série própria do mundo do consumo, corroborando para situação de fragmentação, do vazio e da inconsistência.

Por outro lado, a cultura-mundo ainda não perdeu por completo a esperança. A literatura na sua essência, nos textos de aprofundamento e de formação, é encontrada em grandes e bons escritores da Era Hipermoderna. Desse modo, para Lipovetsky e Serroy, “a modernidade cultural é bicéfala: de um lado, uma cultura de criação revolucionária que despreza o mercado; de outro, em plena oposição, uma cultura industrial que vende apenas clichês, produtos uniformes, ‘porcarias’.” (LIPOVETSKY e SERROY, 2011, p. 70, grifo do autor).

Em suma, tanto na arte quanto em todas as esferas da vida cotidiana, persistem as duas faces da moeda. Reconhecer a arquetípica “parte do diabo” é uma aptidão essencialmente humana. É justamente nas teorias aparentemente contraditórios entre o tribalismo maffesolitiano e o quarto polo axiomático lipovetskyano-serroyano (o

⁴ Termo utilizado por G. Lipovetsky e J. Serroy para afirmar que o *homo sapiens* se tornou o *homo ecranis*, ou seja, desde o nascimento, o homem cresce, trabalha, viaja, e tudo que faz durante a vida até sua velhice é acompanhado por telas.



hiperindividualismo), apresentados no tópico seguinte, que este texto busca identificar suas modulações.

3. O corpo (individual e coletivo) entre a jubilação e a derrelição

A tendência para o problema do individualismo – quarto polo axiomático da cultura-mundo na visão de Lipovetsky – já foi questionado pelo sociólogo francês Michel Maffesoli na década de 90 do século XX. Sua crítica na época recaía sobre a excessiva predominância de publicações sobre essa questão nos mais diversos compêndios e em diversas áreas, como a sociologia, a política e a história. Com razão, seus argumentos vêm discutir as dialéticas sobre o narcisismo que permeiam, inclusive, o campo psicológico na Era Moderna.

Na Era Hipermoderna, esse discurso é retomado agora com ênfase para os fatores intrinsecamente relacionados ao sistema capitalista, ao mundo das telas e a inclinação hedonista do homem contemporâneo. Na visão de Lipovetsky e de Serroy (2011), o hipercapitalismo criou o *homo individualis*, para se referir ao estado do ser humano diante das pressões provocadas pelas empresas em relação aos resultados, ao aperfeiçoamento e à avaliação permanente de um capitalismo opressor. Ao sujeito resta a busca de sucesso nem sempre alcançado, gerando a angústia e a desvalorização pessoal: a depressão. O “voltar-se para si” e para sua vergonha põe o indivíduo no isolamento da ansiedade em virtude de uma classe extremamente avaliadora.

É a figura tão temida do Dragão a semear o caos no inconsciente. Essa face negativa reclama o emblemático Eros: “instigador da inquietude”, pois é o “arquétipo da imperfeição, do equilíbrio conflitual, de uma sede de alteridade que atormenta cada um e cada coisa”. Por meio do Eros perturbador, o sujeito pode trabalhar o seu contrário: o Lúcifer, “o descontentamento de Deus em relação a si mesmo” (MAFFESOLI, 2002, p.51). Em associação significativa, trata-se da instabilidade interior e primordial de Javé experimentada por Jó⁵, arquétipo fundamental que corresponde aos estereótipos triviais nas manifestações cotidianas, mas que não deixa de revelar a “parte da divindade, que

⁵ Cf.: JUNG, Carl Gustav. *Resposta a Jó*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 2012.



não está além do humano, mas que faz parte da natureza humana, ao mesmo título, aliás, que o mal” (MAFFESOLI, 2002, p. 38).

Na visão lipovetskyana e serroyana, há certa tentativa de caracterizar a esfera humana de uma cultura-mundo, restringindo-as às relações de trabalho do sistema capitalista, como se o sentimento de autorreprovação e a culpa provocassem o insulamento irremediável do sujeito.

Já no “paradigma estético” de Maffesoli (1987), a comunidade emocional remete ao princípio de que os sentimentos partilham de uma natureza social, das indagações coletivas, da atração mútua e das paixões comuns. Se na Era Moderna os vínculos situados entre bairros, ruas e a própria comunidade davam vida a um corpo, o que dizer da esfera midiática da Era Hipermoderna, que aproxima os sujeitos que detêm o mesmo pensamento e aspiram aos ideais semelhantes e sentimentos comuns? Ainda nessa perspectiva hipermoderna, a esperança – um dos sentimentos essenciais da condição humana – evanesceu?

Com relação a esses questionamentos, Lipovetsky e Serroy (2011) afirmam que a internet levou os indivíduos a uma vida mais abstrata, restrita ao ciberespaço, cada vez mais reduzindo os encontros pessoais. Na visão desses e de outros autores, esse enclausuramento às novas tecnologias significa uma ameaça aos laços sociais. Assim, existe hoje uma forte tendência à promoção de *detox*, pois o problema deixou de ser somente social, mas também psicológico.

Entretanto, se aceitarmos que, por um lado, há uma diminuição dos encontros face a face, em contraposição, o mundo nunca se configurou num jogo comunicativo tão instantâneo e simultâneo. Os recursos disponíveis – chamada de vídeo e de voz, *e-mail*, msn, WhatsApp, o Instagram, os sites de relacionamentos, entre muitos outros – são ferramentas potencializadoras de uma comunidade que, mesmo virtual, é inegavelmente emocional. A hipermodernidade é também caracterizada pelo gigantesco sentimento de participação em grupo e a necessidade de “sair de si”, como já afirmava Maffesoli (1987) sobre a Era Moderna. Para ele, esse sentimento proporciona a sociabilidade dos valores em comum, que remete à origem dos tempos primitivos, como as tribos ou os clãs. Assim, na Modernidade, a mídia já operava significativamente sobre a sociedade, tendo em vista que:



Com a predominância da atividade comunicacional, o mundo é aceito tal como é. Isso remete ao que propus chamar de “dado social”. (grifo do autor) [...] com o qual cada um irá, estruturalmente, contar, daí o envolvimento orgânico de uns com os outros. É o que chamo aqui de tribalismo. (MAFFESOLI, 1987, p. 40-41).

Contrariamente a esse pensamento, Lipovetsky e Serroy (2011) ressaltam que o homem hipermoderno está sucumbido pelo neoindividualismo, liberto de qualquer imposição da comunidade ou qualquer relação coletiva. Para esses filósofos:

Os valores hedonistas, a oferta sempre mais ampla de consumo e de comunicação e a contracultura convergiram para acarretar a desagregação dos enquadramentos coletivos (família, Igreja, partidos políticos, moralismo) e ao mesmo tempo uma multiplicação dos novos modelos de existência: [...] “a vida à *la carte*.” (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 48).

Pode-se admitir que o mundo hipermoderno mudou radicalmente as relações entre as instituições sociais. Em vários países da Europa e da América, há um número cada vez mais crescente de pessoas que moram sós. Essas transformações não são apenas restritas à nova configuração das relações entre as famílias; as igrejas também apresentam inovações. Contudo, torna-se extremamente difícil imaginar que isso configura um indivíduo que é “senhor de si mesmo”, e que toda a gama de questões levantadas sobre a cultura-mundo não seja exatamente promotora do paradigma estético da proximidade⁶. As tribos se multiplicam tanto na esfera social como virtual. O mundo presencia a cada dia novas tribos: os movimentos políticos e sociais (LGBT, MST, sem-teto, feministas, trabalhadores de diversas categorias, da marcha da maconha, partidos políticos, ONGs, entre tantos outros); a música (adeptos do *funk*, do *rock*, do *axé*, do *samba* etc.); de estilo (gótico, clássico, *emos*, etc); as tribos solúveis, que não apresentam uma ideologia consistente, mas se aproximam de rituais (os “rolézinhas” nos *shopping* de algumas cidades brasileiras recentemente são exemplos dessas tribos); as tendências (os *selfies*); as facções criminosas, que manifestam-se de forma distinta das anteriormente apresentadas, mas não deixam de se configurar como tribo.

Nesse sentido, surge a afirmação da pessoa plural, o que pode ser tribalmente vivido, com as potencialidades coletivas, com a propensão para apreender

⁶ Termo usado pelo antropólogo Edward T. Hall em 1963 a fim de descrever o espaço pessoal dos indivíduos em determinado meio social.



uma gama de indivíduos, suas paixões, suas afinidades. Isso inclui o tanto o Mal como o Bem como elementos constituintes.

Talvez seja por isso que, por outro lado, Lipovetsky e Serroy (2011) também admitem que haja um sentimento coletivo associado ao mundo hipermoderno. Para eles, “na época do hiperconsumo, as grandes marcas de luxo aparecem como o sonho acordado da cultura-mundo” (LIPOVETSKY, SERROY, 2011, p. 100). Em outras palavras, no plano socioantropológico, a estética é definida pela marca que, conseqüentemente, ativa a identificação dos grupos.

Em termos gerais, é o reino dionisíaco e seu caráter coletivo a se tornar pleno. As legiões, as temáticas orgiásticas, os *hobbies*, adesões políticas, interesses e paixões de diversas ordens: sexual, estética, artística, entre outros, remetem para uma emoção partilhada. Mas também, nesse mesmo cenário “paradisiaco” inclui-se o monstro telúrico que expressa o Mal. Na hipermodernidade, a expressão tribal pode está camuflada em meio ao “viver coletivo do nada, a integração da morte em si mesmo, porque é bem isso a festa, proporcionavam a sobrevivência do grupo, confortavam o sentimento de pertença comunitária” (MAFFESOLI, 2002, p.146).

Diante desse contraponto, não se pode deixar de declarar que as marcas também são ferramentas que condicionam os costumes, elementos que, desde os tempos primitivos, reúnem os seres humanos. “Beber junto, jogar conversa fora, falar dos assuntos banais que povoam a vida de todo dia provocam o ‘sair de si’ e fomentam a nova áurea para solidificar o tribalismo” (MAFFESOLI, 1987, p. 38). Face a face ou por meio de telas, as pessoas, ainda, concretizam todos os dias esses costumes.

Na perspectiva de ação integrativa dos opostos, a própria literatura pode ser um alicerce para fortalecer o imperfeito Eros a construir e reconstruir as bases da vida em sociedade. Esse anseio é também partilhado por Todorov: “se o texto literário não puder nos mostrar outros caminhos e outras vidas, se a ficção ou a poesia não tiverem o poder de enriquecer a vida e o pensamento, então [...] a literatura está em perigo” (TODOROV, 2009, p.12). E a literatura, em meio às forças da Sombra e do demoníaco semeador do Caos, há muito tempo, tem sido referência para diversas nações, visto que ela pode contribuir para conciliar o trágico com a esperança jubilosa.

4. Os eternos opostos na textura de um diário híbrido



Se vivemos numa era onde, na internet, os hipertextos e os textos multimodais estão imbricados, caracterizando uma leitura dinâmica, não linear, de autonomia relativa. É com esta perspectiva que o leitor se depara com o romance de Coetzee (2008). Sua estética é formada por três planos: o primeiro, localizado acima, são os ensaios do Senhor C – um dos personagens narradores –, no segundo plano, sua própria narração; e em terceiro plano, a narração de Anya – secretária e digitadora do Senhor C. Essa estética do autor permite leituras em sequências diferenciadas: confrontando ensaios e narrativa, permutando nas polifonias da narrativa das diferentes vozes, ou mesmo fazendo um percurso linear – o que permite chegar à última página e reiniciar outro plano narrativo. Assim, fato e ficção ganham novos paradigmas, e esse livro pode inaugurar novas estratégias de leitura.

Essas peculiaridades da obra se assemelham à dimensão de uma cultura-mundo da era do computador, onde a rede de conexão de internet permite múltiplas funções, desde o trabalho, o negócio, a diversão, entre outros. A literatura de J. M. Coetzee dá a impressão de tentar compilar esse universo vasto e híbrido, possibilitando interações simultâneas com as dimensões críticas e literárias. Assim, o gênero assumido por Coetzee se aproxima do cibernundo hipertélico, com uma gama de informações não hierarquizadas num jogo de quebra-cabeça entre o universo da crítica cultural e a literatura. Em sintonia com Lipovetsky e Serroy (2011), percebe-se que o desenvolvimento e a multiplicação são características da Era Hipermoderna, visto que, nela, o sujeito detém “a liberdade de se projetar onde quiser, de aprender, de olhar, de abrir seu caminho pessoal. O problema está em saber exercer essa liberdade” (LIPOVETSKY e SERROY, 2011, p. 80).

Dessa forma, o leitor necessita traçar seu método de orientação para chegar ao significado da obra, o que exigirá uma postura analítica e crítica diante da pluralidade de vozes discursivas dos narradores e personagens, como também da ponte entre a narrativa e a crítica. Isso poderá surtir em descobertas, entre as quais, torna-se difícil classificar “*Diário de um ano ruim*” entre um romance ou ensaio.

Além disso, a falta de travessão introduz também uma característica peculiar nesse gênero romanesco. É o parágrafo ou simplesmente o ponto final, que estabelece o corte entre um discurso de um personagem e o início da fala do outro, o fim da narração



no discurso indireto e o início do discurso direto. Muitas vezes, são os verbos de elocução que favorecem a coerência e coesão do texto. O ponto final, muitas vezes, não cumpre o papel tão somente de finalizar o período da oração; no entanto, assume o papel da pausa proveniente da respiração do personagem. São evidências de que as propriedades da relação entre fala e escrita se tornam cada vez mais complexas na estética literária contemporânea. Essa forma acaba condensando um amontoado de vozes com identidades distintas, discursos polivalentes, contraditórios e conflitantes. A competitividade do mundo hipermoderno se concretiza na cultura do falar, ser ouvido, ser percebido, obter crédito sobre suas ideologias, ganhar cúmplices para executar suas ideias. Trata-se, então, de uma obra que espera um leitor atento à pluralidade discursiva de um mundo cosmopolita e fragmentado.

Para compreender melhor essa gama de informações, este trabalho parte do enredo e de fragmentos da obra que façam referência aos aspectos aqui discutidos. Tudo inicia quando o Senhor C, que é sul-africano e reside na Austrália, espaço onde sucede toda a narrativa, é convidado por um editor da Alemanha para escrever ensaios para formar um livro denominado *Opiniões fortes* – papel que mais cinco pessoas de outros países também teriam. Era, então, a chance que o velho Senhor C teria de mostrar sua voz ao mundo a partir dessa via, inclusive sobre temas tão caóticos: terrorismo, desastres ecológicos, histeria consumista, manipulação genética, e também da música, de Maquiavel, de Dostoievski, da compaixão e das crianças. Um livro em que, por meio da literatura e da teoria, ecoam vozes sobre os eternos opostos do mundo contemporâneo.

Essas vozes parecem almejar o despertar de uma sociedade “desorientada” (LIPOVETSKY e SERROY, 2011) quando a resposta ao mundo significa uma vingança do narrador (escritor fictício): “uma oportunidade de resmungar em público, a oportunidade de exercer uma vingança mágica do mundo por se recusar a moldar-se às minhas fantasias” (p. 32)⁷. O narrador-personagem reivindica seu espaço mediante os ensaios do livro, pois acredita que a sua narrativa literária não é mais capaz de formar o homem, visto que ela não atinge mais uma sociedade “desorientada”.

Sobre ensaio e narrativa, é preciso atentar para a natureza de sua composição. Em artigo recente, Pedro Duarte defende – com base em leituras de

⁷ Neste artigo, todas as citações do romance de Coetzee (2008) serão indicadas apenas com as páginas.



Lukács, Benjamim e Adrono – que o ensaio também é uma forma de narrar os objetos da cultura, mesmo que conceitualmente. “Os caminhos da narrativa ensaística, portanto, não são legitimados, na sua importância, pelas conclusões, pelos fins, pelo que se alcança. Eles valem por seu próprio caminhar, que é o movimento do pensamento” (DUARTE, 2015, p.197).

De forma ambivalente, o narrar e ensaiar ganham espaço na trama por meio da narrativa de Anya e da narrativa e ensaio do Senhor C. Essa hibridização do gênero romanesco, inaugurada por Coetzee, aguça a função integrativa da literatura. Enquanto os ensaios do Senhor C acentuam a crítica e a explicação, a narrativa de Anya e do próprio Senhor C proporcionam ao leitor o contato com as experiências e sensações das personagens. Enquanto o Senhor C parece repudiar o trágico, explicando e o criticando na esperança da jubilação, Alan admite, com naturalidade, as diversas modulações do Mal. O percurso de Anya na trama passa pela tarefa de digitar os ensaios, discuti-los tanto com o Senhor C quanto com o oposto desse, o Alan. Além disso, ela compartilha o mesmo estilo de vida de seu companheiro Alan; numa trama onde o ensaio e a narrativa acentuam, respectivamente, a função integrativa entre o criticar e vivenciar, explicar e sentir; além disso, evidenciam a ligação orgânica entre o Bem e o Mal.

O desencanto pela arte, reivindicado pelo narrador Senhor C, pode ser justificado pela tendência que os indivíduos assumem diante dessa nova liberdade desenfreada do mundo moderno, sucumbidos de completa desorientação:

Uma sociedade esvaziada de mega ideologias prometendo um futuro melhor e desnordeada pelo desvanecimento dos grandes projetos políticos estruturantes, aumentam o ceticismo e o descrédito em relação aos responsáveis políticos, o desinteresse dos cidadãos pela coisa pública, a queda das militâncias partidárias, a confusão das identidades políticas. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 48).

A primeira crítica do escritor combalido é a sua descrença nos políticos, sua aversão aos bastardos, como ele prefere chamar os governos. Seus ensaios, mesmo tendo a pretensão de se afastar do narrativo, não se situam muito distante do literário: “pegue metade do que eu possuo, pegue metade do que eu ganho, eu cedo a você, em troca, me deixe em paz. ’ Será que isso basta para alguém provar sua boa-fé? ” (p.18). O autor fictício ironiza uma liberdade comprada em troca do mínimo de direito que, muitas vezes, é negado ao cidadão.



Definindo melhor o romance de Coetzee (2008), pode-se afirmar que o seu marco temporal de é 12 de setembro de 2005 a 31 de maio de 2006, período que antecede a publicação do romance: 2007. A trama ganha intensidade com a necessidade do Senhor C de uma digitadora, pois o mesmo adquiriu um problema de saúde, que dificultava sua coordenação motora. Anya, residente num dos últimos andares do mesmo edifício em que ele mora, torna-se a pessoa responsável por ouvir o áudio e digitar tudo, o que acabou tornando-a uma crítica forte dos escritos, resultando em discussões com o próprio autor, o Senhor C, e também com o companheiro dela, o Alan.

A crítica do Senhor C sobre a pedofilia insiste no resgate de valores, do pudor, pois se escandaliza com a exacerbação dionisíaca com a imagem da eterna criança:

Induzir crianças ou mesmo mulheres a realizar atos sexuais diante de câmeras foi considerado uma forma de exploração sexual [...] deveria ser proibida a publicação em forma impressa de uma história, declaradamente ficcional, na qual uma atriz de vinte anos adequadamente miúda desempenha para a câmera o papel de uma criança praticando sexo com um homem adulto? [...] A nova ortodoxia parecia ser que aquilo que torna uma imagem culpada não é a ideia de sexo entre menores, [...] nem do fato do sexo, real ou simulado [...], mas a presença de um olho adulto em algum lugar da cena. (COETZEE, 2008, p. 64-65).

Esse é um ato imprudente, na visão do narrador idoso. Ele o condena como algo que vem do selvagem, da animalidade.

Em oposição, o Alan, sujeito de caráter duvidoso, encara essa abordagem do Senhor C como ingênua. Parece mesmo não ser condizente com uma visão do mundo hipermoderno. Alan resolve toda essa questão voltando-se a problemática para o lucro ilícito, o dinheiro “sujo” e para o sucesso midiático do filme, sem preocupação com nenhum trato ético:

Se a plateia de um cinema enxerga uma criança sendo estuprada, então é uma criança sendo estuprada, ponto final, fim da história. E se for uma criança sendo estuprada, então, bum! Você vai para a cadeia, você e os produtores e o diretor e a equipe inteira, todos os que participaram do crime – essa é a lei, preto no branco. Enquanto se a plateia não acreditar, se a atriz tem peitos grandes e é evidentemente uma mulher adulta fingindo, então é outra história, então é só um filme fracassado. (p. 100).



Paira, então, a integridade de uma sabedoria dionisiaca que integra a alteridade, indiferente às suas concepções e a seus valores. Eis um traço fundamental da hipermodernidade: “a crueldade tem, pois, o seu lugar na sociedade”. Uma concepção alargada da realidade onde tem lugar uma “realidade plural, polissêmica. Realidade absoluta. A da experiência e do vivido coletivo” (MAFFESOLI, 2002, p. 133).

Sendo assim, a obra, mediante a dupla inscrição do ensaiar/narrar põe em confronto ideologias de valores bem distintas. De um lado, o escritor fictício e seu desejo de educar o mundo, de denunciar as mazelas e as injustiças. Do outro, o conformismo e a banalização diante de situações horrendas como a pornografia infantil. É uma obra que põe constantemente em “cheque” as crenças do homem que herdou os valores do século passado, em oposição ao homem completamente corrompido pelo Espírito Malígnio de uma sociedade desnordeada.

5. Os eternos opostos na simbólica antitética das personas

No terceiro plano textual do romance, (tendo como narradora Anya) Alan, que foi criado em orfanato, sem pai nem mãe, como a Anya afirma. Ou nos dizeres do próprio Alan: o *self-made man* ou a única história de sucesso de um orfanato de menino em Queensland, assumindo essa protagonização, ele é o sujeito que revela a “onipresença e onipotência do *Homo aeconomicus*” (LIPOVETSKY; SERROY, 2011). Eis a característica do homem hipermoderno, capaz de fazer sua própria carreira e sua própria vida sozinho, por meio do trabalho duro e sem cessar. “Ele está sempre lendo, sempre indo a seminários e apresentações do pensamento mais moderno. Ele lê *The Street Journal e The Economist on line*, tem assinaturas do *The National Interest* e da *Quadrant*” (p. 91). Alan não é o indivíduo, que nutre aspirações por uma sociedade melhor, visto que os valores estão desajustados. Do contrário, é a persona, que sustenta ambições desmedidas por fortunas, ocasionando intensa aflição a secretária Anya:

O Alan quer saber quanto dinheiro ele [o Senhor C] tem. Como é que eu vou saber? Eu digo, ele não fala de finanças comigo. Olhe nas gavetas, o Alan diz. Olhe nos armários da cozinha. Procure uma caixa de sapato. [...] Ele deve ter um cofre, diz o Alan. Olhe atrás dos quadros nas paredes. Ou então está no banco, eu digo, onde gente normal guarda o dinheiro. Ele não é normal, diz o Alan. (p. 58-59).



De acordo com o pensamento de Lipovetsky e Serroy (2011), a competição gerada pelo sistema capitalista da cultura-mundo provoca extrema ansiedade, angústia e medo em função da situação profissional.

Na obra de Coetzee, o arquétipo da persona é constituído por uma simbólica antítese. Seguindo o ritmo dos ciclos econômicos e o ideal racionalista e materialista, Alan usa de artifícios ilícitos, buscando convencer sua companheira a furtar o Senhor C. A “máscara” assumida por Alan é do sujeito sem escrúpulos “pós-humanista”, “selvagem”, tornando-se a antítese do senhor C. O segundo é a persona, que faz fortes críticas a uma sociedade onde os sentimentos verdadeiros são camuflados em forma de protocolos estabelecidos por regras.

Em ensaio sobre “Dos pedidos de desculpas” (p.122), o escritor fictício idoso exemplifica o pedido de desculpa instruído por um advogado americano:

Aos olhos dele e aos olhos de seus clientes, um pedido de desculpas improvisado, não ensaiado, poderá ser excessivo, inadequado, mal calculado e, portanto, falso, ou seja, um pedido de desculpa que acaba custando dinheiro, sendo o dinheiro a medida de todas as coisas. (p. 125).

Esse fragmento testifica a pressão na qual os indivíduos são todos os dias sujeitados pelas empresas. Outro aspecto é o questionamento sobre a configuração das relações entre os seres humanos na sociedade hipermoderna.

Voltando ao trecho em que Anya recebe a proposta de furtar o Senhor C, percebe-se toda uma situação de culpa e remorso diante dessa investida. O que antes era apenas uma relação de trabalho parece significar uma relação de proximia, nos dizeres de Maffesoli (1987) ao se referir a estética do “nós” e a “potência impessoal”. Para a narradora, esse vínculo cria uma atitude que se projeta para as ações coletivas e o desprezo pela intensificação nas próprias ações.

Dessa feita, para Anya, aceitar o trabalho de secretária significou muito mais que um emprego. Ela propõe a fazer parte do que ajuda a construir. Ela acaba criando um vínculo de amizade, ao se importar com o velho escritor fictício. Nesse ponto, distintamente dos ensaios, a narrativa possibilita o encontro com o lado da jubilação.



Nesse romance de estética híbrida, em meio aos ranços da crítica (os próprios ensaios do Senhor C e as discussões das personagens sobre a opinião do Senhor C nos ensaios, narrados por Anya), simultaneamente, reconhece-se a “experienciação”, por meio do contato com as situações vivenciadas pelas personagens. Bem e mal “soam” ambivalentemente no criticar e no vivenciar, no ensaiar e no narrar.

Se for verdade que a cultura é reflexo do hiperconsumo, associada a comportamentos que definem um mundo cada vez mais individual, numa revolução causada pela explosão dos acessos destinados a públicos bem específicos; e se for verdade que a literatura capta todas as situações da vida humana, então, poderemos reafirmar que, em “*Diário de um ano ruim*”, essa influência é avassaladora.

Anya já exerceu a profissão de modelo e adora se exhibir, mesmo se for para os amigos de seu companheiro Alan, o que lhe agrada muito a ponto de ser um fetiche para apimentar o relacionamento e a explosão de prazer na cama. Como nos contos de fadas, no entanto, como é característica da hipermodernidade transformar a literatura de gerações em indústria de diversão, assim também o foco não é mais o rosto da Branca de Neve:

Ao passar por ele carregando minha cesta de roupa suja, faço questão de sacudir o traseiro, meu delicioso traseiro, envolto em jeans justos. Se eu fosse homem, não conseguiria tirar os olhos de mim. Alan diz que existem no mundo tantas bundas diferentes quanto rostos. Espelho, espelho meu, eu digo para Alan, a de quem mais bela do que a minha? A sua, minha princesa, minha rainha, a sua, sem dúvida nenhuma. (p. 33).

A vaidade apresentada pela personagem é uma autoafirmação de completude, de superioridade e de poder. No entanto, o ritual ao desfilar para seu esposo esperando seus elogios mostra o interior impotente e inseguro da personagem, apelando ao “culto de Afrodite” na ânsia de representar o ideal de beleza que a sociedade impõe através da mídia e dos bens de consumo. Por outro lado, essa declaração de Anya intensifica ainda mais o encanamento do escritor fictício recém-apaixonado.

A compra compulsiva também é uma característica intensa da personagem:

Tenho de ir fazer compras, diz. É mesmo? O que mais você precisa comprar? Pergunto. Ela dá um sorriso misterioso. Coisas, diz ela.



Por coisas ela quer dizer roupas. Descobri isso em minha primeira visita à cobertura deles, quando, sem que eu pedisse, ela me levou a uma expedição que compreendia seu *closet*. Fazia muito tempo que eu não via um quarto de vestir tão equipado. Prateleiras e prateleiras de coisas, suficientes para encher um gatil de tamanho médio. Não tem uma coleção de sapatos também? Perguntei. Ela riu. Acha que sou igual à Imelda⁸?, disse ela. E abriu o armário de sapatos. Havia no mínimo quarenta pares de sapatos. (p. 75-76).

A essa típica situação, há uma desestabilização da sociedade pelo consumo incontrolável em busca do prazer momentâneo. O hedonismo é um fator que está presente em todas as esferas da vida na sociedade contemporânea, criando hábitos resultantes de uma oferta cultural de mercado apoiado por diversas mídias. Como a globalização permitiu o contato com as informações diversas, inclusive sobre os bens de consumo disponíveis no mundo todo, o acesso e as condições não são iguais em todo o planeta. Em virtude da face emancipatória do mundo hipermoderno derivado da essência imemorial do Bem, o Mal também cria sua atmosfera na desigualdade social, que é um dos maiores problemas do sistema capitalista. De acordo com o Lipovetsky e Serroy (2011), o sujeito do mundo capitalista é educado para ser hiperconsumidor, individualista; a desigualdade a esse acesso resulta em sentimentos de fracasso pessoal, autodesqualificação e frustração.

O individualismo, para Lipovetsky e Serroy (2011), não é uma configuração recente; desde a promoção dos valores de igualdade, liberdade e fraternidade, que assolaram a então chamada Revolução Francesa, têm-se estabelecido novos parâmetros de regras na sociedade. Nessa, o indivíduo é referência como parte integrante de uma democracia. Para os autores supracitados, essa revolução não foi finalizada.

Voltando ao romance de Coetzee, também é possível perceber que ele não deixa escapar a dimensão tecnológica que, claramente, evidencia o papel midiático e a disposição da sociedade contemporânea. É mediante a narrativa que o leitor pode ter contato com a experiência da face perversa de Satã. Apoiado em avançados meios tecnológicos, Alan implanta um programa de espionagem no computador do Senhor C:

Tem um programa de informação no computador do apartamento dele. Que comunica para mim tudo o que ele está fazendo (relatou o Alan) (p.129).

⁸ A narradora se refere a Imelda Remedio Visitación Romualdez, viúva do ex-presidente das Filipinas, Ferdinando Marcos. Ela adquiriu três mil sapatos, gerando polêmica pela sua tendência em comprar e gastar fortunas.



[...] você está louco! Se o contador dele desconfiar, ou se ele morrer e as propriedades forem para os advogados, eles vão chegar direto em você. Você vai para a cadeia. Isso acabaria com sua carreira (esbravejou Anya).

Não vão chegar em mim. Ao contrário, vão chegar a uma fundação na Suíça que gerencia um grupo de clínicas de neurologia e dá bolsas para pesquisadores de mal de Parkinson; e se quiserem seguir a trilha mais ainda, vão dá em Zurique, numa *holding* registrada nas ilhas Cayman; e aí vão ser obrigados a desistir, uma vez que nós não temos nenhum tratado com as Cayman. Eu fico completamente invisível, do começo ao fim. Como Deus. E você também. [...] Então, com relação aos empecilhos de que você falou, mesmo que ele resolva empacotar logo, as contas dele vão estar perfeitamente em ordem. Os relatórios vão mostrar que o dinheiro dele virou doação filantrópica para pesquisas médicas. Eu elaborei toda uma correspondência de e-mails, com datas que vão até anos atrás, entre ele e os administradores da fundação suíça, pronta para ser colocada dentro do computador dele a qualquer momento (pontuou o Alan) (p. 145-147).

O que poderia parecer apenas relatos de ficção científica é uma realidade hipertecnológica, que cria uma cultura-mundo da confiança, da dependência e da falta de controle no uso das máquinas, buscando constantemente se aperfeiçoar na técnica. O sujeito hipermoderno busca “furtar” o papel de Deus pela onisciência e onipotência com o que os meios tecnológicos podem lhe proporcionar. Como bem acentua Lipovetsky e Serroy (2011): “uma técnica que se encontra em toda a parte, que requer os mesmos símbolos e os mesmos sistemas de valores (a eficácia máxima, a racionalidade operacional, a calculabilidade de toda coisa)” (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 43).

Em consequência da supervalorização da técnica e da ambição do mundo hipercapitalista, o indivíduo vem perdendo o senso de ética e infringindo a privacidade alheia em prol de benefício próprio. A engenhosidade de Alan testifica uma cultura-mundo da insegurança. A cada dia, há mais vítimas de golpes da internet, essa “galáxia comunicacional”. Ela aperfeiçoa a técnica para o bem-estar, para a comodidade, para o progresso da ciência, para a solução de grandes problemas que dificultam a vida no planeta, ao mesmo tempo em que se torna o novo mal-estar na civilização. A perenidade do conflito gerando o equilíbrio, mas em tensão permanente: “o anjo e a besta estão intimamente ligados e que, se se acentuar um desses polos, o outro só poderá ressurgir” (MAFFESOLI, 2002, p. 36).

As pessoas sofrem, então, os efeitos funestos das suas próprias aspirações. O Senhor C e Alan se tornam a antítese entre o “ser” e o “ter”, o Bem e o Mal. Podemos fazer uma associação simbólica ao que predica o filósofo da tribo urbana:



O objeto que se classifica na rubrica do “ter”, sendo, também, sempre potencialmente perigoso. Ele é por essência diabólico, tenebroso, ele liga à terra. Ele tem o peso do corpo. Totalmente diverso é o sujeito, cuja figura é o espírito e que, quanto a ele, se classifica, pelo menos idealmente, na rubrica do “ser”. (MAFFESOLI, 2002, p.159).

Outra questão importante sobre o tecnomundo é inserida no primeiro ensaio do senhor C. Para ele, o mundo americano, além de alimentar a ideologia bélica, é instigante do orgulho mecânico. O corpo é concebido como:

Máquina complexa que compreende um módulo vocal, um módulo sexual e diversos outros. [...] Dentro do corpo-máquina, o eu fantasma controla mostradores e aperta teclas, enviando comandos a que o corpo obedece. (p.148).

Essa constatação do escritor fictício reafirma a situação dos indivíduos na era da cultura-mundo. Trata-se de estilo de vida abstrato e um comportamento do sujeito enclausurado perante o mundo tecnológico. Nos dizeres de Lipovetsky e Serroy, o corpo que o escritor fictício evidencia deixa de “ser o ancoradouro real da vida” e “organiza-se um universo descorporificado, dessensualizado, desrealizado”, ou seja, o mundo das “telas e dos contatos digitalizados” (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 45).

Ainda no romance de Coetzee (2008), o encontro de Anya e o Senhor C pela primeira vez na lavanderia ilustra com nitidez a descaracterização dos laços de tribalismo:

Eu moro no térreo desde 1995 e ainda não conheço todos os meus vizinhos. É, disse ela, e nada mais, querendo dizer. É, estou ouvindo o que você diz e concordo, é uma tragédia não saber quem são seus vizinhos, mas é assim que é a vida na cidade grande, e tenho mais o que fazer agora, então podemos deixar essa troca de gentilezas e morrer de morte natural? (p. 9).

Ambos moram no mesmo edifício há anos e não se conhecem; nunca se cumprimentaram e isso prefigura, no início da obra, uma tendência de que o mundo hipermoderno está cada vez mais destituído do sentimento de comunidade emocional. Os edifícios das grandes metrópoles são formas de aglomerar as pessoas; no entanto, não são marcados pelo sentimento de proximia.



Na narração da personagem Anya, há uma inquietação quanto à fugacidade das amizades sólidas, à rotina e à superficialidade dos relacionamentos na era hipermoderna:

É sexta-feira de noite. A gente podia ter saído e estar se divertindo. Em vez disso, estamos fazendo o quê? Estamos sentados sozinhos, bebendo cerveja, olhando o tráfego da fatia do porto Darling, que é tudo o que a gente consegue enxergar entre arranha-céus... [...] Não estou criticando o Alan, mas não temos nenhuma vida social. O Alan não gosta dos meus amigos de antes de a gente se conhecer, e ele não tem amigos, a não ser colegas de trabalho, que ele diz que já encontra o suficiente durante a semana. Então nós dois somos iguais a uma dupla de velhos corvos solitários num galho. (p. 110-111). [...]

O Alan fica o dia inteiro debruçado em cima do computador, depois volta para casa e me conta as opiniões dele sobre as taxas de juros e os últimos lances do banco Macquarie, que eu escuto comportadamente. Mas e eu? Quem escuta as minhas opiniões? (p. 114).

Por meio da narrativa, o leitor adentra na tendência narcísica assumida pelo sujeito, que cria a exacerbação da efemeridade, do vazio e da falta de cumplicidade nos relacionamentos. Para Lipovetsky e Serroy, em toda cultura-mundo, “progride a dinâmica de individualização, com a autonomização da existência individual cada vez mais voltada para si mesma, a busca de um bem-estar pessoal e consumidor” (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 48).

Esse cenário de individualização parece se transformar ao longo do percurso narrativo. Alguns fatores contribuem para que isso aconteça: o trabalho de Anya ao escutar todas as gravações do Senhor C e confrontar com os ensaios dele; a paixão por Anya mantida em segredo pelo Senhor C; o próprio fato de Anya gostar de saber que era admirada pelo Senhor C. Tudo isso parece conduzir a um sentimento de generosidade. É o que fica evidente quando Anya se separa de Alan e regressa para casa de sua mãe, em outra cidade. Antes, ela realiza um gesto de pura compaixão para com o escritor idoso. Pede a uma vizinha que telefone se algo lhe suceder:

Ele não tem filhos, nem família, que eu saiba, não neste país, então não vai ter ninguém para cuidar das coisas, e isso não é bom, não é como deve ser, a senhora entende? (p.232).

Então não é tanto a morte dele que me preocupa, mas sim o eu pode acontecer com ele a caminho da morte. (p.233).

Vou segurar a mão dele. Não posso ir com você, eu vou dizer para ele, é contra as regras. Não posso ir com você, mas o que eu vou fazer é segurar a sua mão até o portão. No portão, você pode soltar e me dar um sorriso para



mostra que você é um menino valente e tocar o barco ou seja o que for que tem de fazer. Até o portão eu seguro sua mão, vou fichar orgulhosa de fazer isso. E depois eu limpo tudo. Vou limpar seu apartamento e deixar tudo em ordem. Vou jogar no lixo a fita *das Russian dolls* e outras coisas particulares, para você não se preocupar do outro lado sobre o que as pessoas deste lado vão dizer de você (p. 235).

... e dar um beijo na testa dele, um beijo de verdade, só para ele lembrar do que está deixando para trás. Boa noite, Senhor C, vou sussurrar no ouvido dele: bons sonhos e revoadas de anjos e tudo mais (p. 236).

O Senhor C consegue a compaixão de sua amada, mesmo isso alheio ao conhecimento desse escritor idoso. A sensação da despedida fúnebre antecipada por Anya põe em evidência uma das preocupações do homem hipermoderno: a vida após a morte. É quando o Bem manifesta o arquétipo do contentor:

Retorno do trágico, o do ‘estar aí’ ou do ‘estar lançado aí’, que, pela força das coisas, gera uma necessária solidariedade. Com os outros nesse ‘vazio’ que é o mundo, é preciso ‘entrelugar-se’, saber, de uma maneira concreta, incorporada, no dia a dia, afrontar o mal, a impermanência e a morte. Essa é, talvez, a característica principal do paganismo tribal: estreitar as ligações de solidariedade e de fidelidade, em suma, consolidar uma comunidade de destino. (MAFFESOLI, 2002, p. 157).

Os ensaios do Senhor C e a narrativa de Anya se complementam no criticar e sentir as situações extremas da vida, momentos em que se percebe que o sopro da vida tem uma significação muito mais singular e preciosa que a supervalorização individual. Para Maffesoli (1987), enquanto a caracterização da individualização do si mesmo se caracteriza no “eu”, a “persona” somente se realiza na relação com o outro. (MAFFESOLI, 1987). Entendendo-se aqui “persona” como máscara da representação de cenas para um conjunto, ou seja, o que cada indivíduo significa em relação ao grupo. É então a multiplicidade do “eu” mergulhada no ambiente comunitário, que ressignifica a tribo. Assim, em meio a uma sociedade onde prevalece a inversão dos valores, a atitude de Anya aponta para uma esperança a partir do sentimento de solidariedade.

6. Considerações Finais

A fisionomia do mundo contemporâneo é fortemente influenciada pelas forças dos quatro polos do mundo hipermoderno, caracterizado por uma sociedade desorientada. Os valores éticos sofrem transformações, as configurações das instituições



sociais adquirem novas roupagens, e o sujeito está sucumbido no seio de um novo mal-estar da civilização, uma mesma antiga Sombra imemorial, associado principalmente à ideia do “hiper”, que caracteriza toda situação de exacerbação da cultura do hipercapitalismo, do hiperconsumo, da hipertecnologia e do hiperindividualismo.

Possibilitando o ingresso às diversas manifestações da existência humana, a literatura vem possibilitar o acesso ao mais íntimo sentido da cultura. “*Diário de um ano ruim*” evidencia sujeitos numa esfera marcada pelo hedonismo, no jogo massacrante do capitalismo exacerbado e do homem como vítima de sua própria criação: a tecnologia.

Acentuando o equilíbrio entre os eternos opostos na cultura hipermoderna, o romance de Coetzee traz o tema da solidariedade. A relação entre Anya e o Senhor C pontua uma das grandes preocupações do ser humano: a morte. O fim da vida assume, no romance, um significado extremo: capaz de possibilitar o sentimento de proximia. Essa resposta de Coetzee a uma sociedade desorientada pode ser um convite a “sair de si”, da condição essencial individualista e se concretizar na situação de persona, ou seja, na qual o sujeito existe na relação com o outro, no sentimento da comunidade emocional.

Referências

BÍBLIA DE PROMESSAS. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: King’s Cross Publicações, 2006.

COETZEE, J. M. **Diário de um ano ruim**. (2007) Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

DUARTE, Pedro. O ensaio como narrativa. In: **Viso: Cadernos de estética aplicada**, v. IX, n. 17 (jul-dez/2015), pp. 188-199.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud**. Traduzido do alemão e do inglês sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JUNG, Carl Gustav. **Resposta a Jô**. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012a.



LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **A cultura-mundo**: resposta a uma sociedade desorientada. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio: Forense Universitária, 1987.

_____. **Entre o Bem e o Mal. Compêndio de Subversão Pós-Moderna**. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

SAAD, Gad. **The Evolutionary Bases of Consumption**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2007.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

Submetido em: 09/06/2017. Aprovado em: 07/07/2017.

